

Narrando a vida: Richard Wright em *Black Boy*, um relato autobiográfico

Prof. Dr. Michela Rosa Di Candia (UFRJ)

RESUMO:

O presente trabalho busca investigar o relato autobiográfico, *Black Boy- infância e juventude de um negro americano*, do escritor Richard Wright (1908-1960). Ao escrever sobre os episódios de sua vida desde sua infância até a idade adulta, Wright busca re/construir suas identidade(s) e também denunciar as mazelas do racismo e da opressão social. Parto do princípio de que as identidades estão sempre em movimento constante, sendo formadas e reformuladas na interação entre os sujeitos e os lugares. Em termos mais precisos, interessa-me abordar as maneiras pelas quais os eventos, incidentes e memórias do passado são lembrados e, por conseguinte, re-inventados por aquele que fala/escreve.

Palavras-chave: autobiografia, presente, passado, identidade, Richard Wright.

O fim da escravidão nos Estados Unidos legalmente libertou os escravos, mas os negros ainda foram mantidos presos em barreiras de ferro invisíveis e inquebrantáveis. A forma literal da escravidão foi substituída por formas mais brandas de aprisionamento econômico, histórico e psicológico. Formas de desigualdade e racialização foram estruturadas por instituições e usadas como instrumentos de ideologia para estabelecer hierarquia cultural e racial. A sociedade norte-americana não criou espaço para a diferença, desprivilegiando as consequências da escravidão como um traço constitutivo das respectivas identidades das nações e de seus povos. Tal mácula é visivelmente nítida na escritura literária negra que por muito tempo foi e ainda é relegada às margens da sociedade em questão. Logo, o centro de poder dominante exerceu uma função absolutamente indispensável, pois somente a partir das noções construídas por ele, os sujeitos marginalizados, privados de algo, buscaram criar espaços para contestação. Entretanto, eles não pretendiam construir ou repetir um centro de poder semelhante ao anterior, mas abrir caminhos para que novas vozes pudessem ser ouvidas.

Os elementos dicotomizados raramente são iguais e suas diferenças são mantidas pela negação da qualidade do outro ou daquele que é tido como ‘ex-cêntrico’, nas palavras de Linda Hutcheon (1996) em *A Poetics of Postmodernism*. Diante desse contexto excruciante, aqueles considerados ‘ex-cêntricos’ adquirem uma voz própria e uma posição de sujeito da própria história. As noções construídas pelo centro de poder hegemônico passam a ser questionadas em narrativas desenvolvidas por escritores

afro-americanos. O descentramento é, então, proposto pelos relatos autobiográficos que tendem a promover a articulação dos sujeitos marginalizados por meio da escrita. Para John F. Callahan (2001) “a narrativa autobiográfica assume a construção identitária para os afro-americanos e afro-americanas contar a própria história e moldar a própria vida e, por conseguinte, iniciar uma luta centrada na experiência e na imaginação.” Desta forma, a narrativa silenciada pela História ganha destaque. Cada escritor posiciona-se em uma determinada língua, cultura e história, e na interação com o “Outro” (opressor ou não) cria meios para o questionamento, ou até mesmo aceitação e propagação dos valores impostos pela sociedade dominante.

Richard Wright, escritor negro norte-americano, nasceu em 1908 no Mississippi, região marcada por muitos confrontos raciais e violência desde a época da segregação racial. Os acontecimentos vividos e ou observados na América branca contribuíram para sua formação enquanto sujeito e escritor. Para o crítico Stuart Hall (1991) “não há enunciação sem posicionamento”, então é preciso se posicionar em algum lugar para poder dizer alguma coisa. À medida em que Wright interage com a sociedade em que vive, ele constrói a si mesmo por meio da reflexão e, posteriormente, a partir da escrita. Portanto, a maneira pela qual Wright estrutura sua narrativa tem a ver com o posicionamento que assume. Sua obra de Wright existe em um contexto e não pode ser separada do discurso que pretende objetivamente descrevê-la e avaliá-la.

Nesse panorama, *Black Boy - A Record of Childhood and Youth* (1993/1945) pode ser considerado um testemunho do ser negro no começo do século XX nos Estados Unidos. Vale ressaltar que as experiências de Wright não pretendem de modo algum criar um caráter fixo e estável das experiências do homem negro. A experiência do menino e jovem negro adquire caráter múltiplo e específico. Não há como retratar uma visão monolítica acerca do comportamento e valores destinados ao negro, mesmo considerando-se a segregação racial e social no sul dos Estados Unidos. O falar dos homens negros é o reflexo do mundo fragmentado em que vivem. Entretanto, as angústias, anseios e conquistas evidenciam discursos ideológicos próprios únicos.

Em se tratando de Richard Wright, o ato de se escrever uma autobiografia pode ser comparado à escrita de um diário, pois em ambas modalidades o teor subjetivo de experiências pessoais se faz presente. Diários e autobiografias podem ser escritos com o intuito de se partilhar as experiências vividas, eventos observados, ou até mesmo como formas de expressão de um não-conformismo com a época. Narrar a própria história

permite que o sujeito revele suas impressões e percepções do mundo, tendo a chance de explorar suas experiências sob uma nova visão.

Em decorrência disso, no relato de suas histórias, Wright recobra eventos, incidentes, memórias do passado transformando sua narrativa em um ato libertador ao revelar sua percepção de sua negritude. Relatos autobiográficos, nesse contexto, promovem a articulação dos sujeitos marginalizados por meio da escrita. Para a teórica negra bell hooks (1989, p.157) a escrita da autobiografia deve ser vista como um ato de contar uma história pessoal, o recontar dos eventos, não da maneira como eles aconteceram, mas do modo em que são lembrados ou reinventados. Por isso, o ato de escrever uma autobiografia é um modo de descoberta de si mesmo e de sua experiência que pode não ser real, mas é constitutiva de uma memória viva que estrutura e molda o presente. Cada incidente particular tem sua história própria. Logo, o ato de se trazer ao presente os eventos, incidentes e memórias do passado torna a autobiografia um ato libertador. A escrita de uma autobiografia permite o olhar ao passado sob uma perspectiva diferente. Nas palavras de Georges Gusdorf:

A narração da vida em sua autenticidade não é uma recapitulação do que aconteceu, mas, necessariamente, uma interpretação, ou seja, uma obra sobre si. A própria escrita desempenha nessa circunstância um papel de intervenção ativa; o escritor de si não contempla ‘no espelho da escrita’, a escrita não é um espelho, mas um instrumento de inteligibilidade do caminho de si para si. (GUSDORF, 1991, p. 393)

O homem que relembra não é mais a mesma criança ou adolescente que viveu aquele passado, já que antes do relato ter sido escrito, a autobiografia foi vivenciada. A escrita não é como espelho, pois ela não reflete as reminiscências do passado tais quais elas se sucederam. O espelho da escrita não mostra uma imagem autêntica, visto que a mão do autobiógrafo escolhe os caminhos a serem percorridos na re-escrita. Ele é responsável pela organização e controle da narrativa e, por isso, seleciona aquilo que está de acordo com a mensagem que pretende divulgar. Ao olhar para o passado, Wright escreve que aos doze anos de idade ele acreditava que:

(...) nenhuma experiência jamais apagaria uma predileção pela realidade que nenhum argumento jamais conseguiria contestar, uma percepção de mundo que era exclusivamente minha e de mais ninguém, uma noção do significado da vida que escola nenhuma jamais conseguiria alterar, uma convicção de que a vida só teria sentido quando

se estivesse lutando para se extrair o significado do sofrimento sem sentido.” (WRIGHT, 1993, p. 125)¹

Nesse trecho, Wright revela sua dificuldade para viver em uma sociedade sem modelos de referência ou parâmetros de identificação na medida em que sua percepção de mundo é proveniente da sua observação e vivência em uma sociedade extremamente racista. Suas experiências pessoais no mundo proporcionam uma formação que nenhuma escola poderia lhe dar. O conhecimento não é apreendido e transmitido pela forma tradicional, mas é gerado a cada dia de sua existência em sua interação com outros sujeitos. Diante da realidade cruel, o negro não deveria contestar, mas assumir uma postura de acomodação. A própria sociedade lhe nega o direito de viver com dignidade, perpetuando assim sua invisibilidade. Por conseguinte, sua vida só ganharia sentido se, por ventura, a tão sonhada visibilidade social se tornasse uma realidade. As marcas do sofrimento, da violência física e também psicológica nunca serão completamente apagadas, uma vez que elas se tornam uma parte vital organizando a identidade do sujeito negro. Para corroborar com tal preceito, o escritor afro-americano Ralph Ellison (1966, p. 94) em seu livro de ensaios *Shadow and Act* argumenta que a violência causada por sua família e comunidade sempre constituiu o centro da experiência de vida de Wright, entretanto, como artista, ele teve discernimento para remodelar sua vida, atribuindo significado àquela violência.

As identidades do menino e jovem Richard em *Black Boy* são construídas ao longo da narrativa. Não há uma identidade fixa, mas identidades múltiplas e contraditórias apoiadas no local de onde se enuncia. Wright é interpelado por distintas situações que contribuem para a noção da fragmentação do “eu” e cada momento irá exigir um distinto posicionamento do sujeito. Em “Raça e identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia.”, Maria Lúcia Montes (1996) afirma que não se pode falar em identidade sem se pensar em processo de identificação, e não se pode pensar nesse processo sem pensar, simultaneamente, no reconhecimento da alteridade, para que a relação entre os sujeitos seja possível. Wright, portanto, é construído por meio das relações estabelecidas com os membros de sua família e da sociedade, já que ele é formado e transformado pelas práticas e discursos com os quais ele teve oportunidade

¹As citações literárias traduzidas foram retiradas do livro: *Black Boy- Infância e juventude de um negro*

de interagir. Hall (2006, p. 13, 21) ainda acrescenta que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”. A identidade, segundo esse autor, é modificada de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado. Em *Black Boy*, portanto a fragmentação do sujeito assumida ao longo da narrativa mostra que os diferentes ‘eus’, as diferentes partes articuladas entre si, constituem a personagem representada pelo menino e adolescente Wright.

E é somente por meio da escrita que Wright encontra sua própria voz e se constrói enquanto sujeito em suas múltiplas identidades. No início da narrativa de sua existência, Richard relata o incêndio provocado acidentalmente à sua casa. Ao recriar tal episódio de sua infância, o escritor busca encontrar significado para tal experiência vivenciada. Nesse momento, o leitor tem acesso apenas a uma identidade fixada na infância, como o exemplo demonstra:

Círculos de fogo comiam o tecido branco; de repente, uma labareda se ergueu. Assustado, recuei. O fogo subiu até o teto, e eu tremia de susto. (...) Fiquei apavorado; queria gritar, mas estava com medo. (...) Logo minha mãe sentiria o cheiro daquela fumaça, veria o incêndio e viria me bater. Eu tinha feito algo errado, uma coisa que não poderia esconder ou negar. Sim, eu fugiria e nunca mais voltaria (...). O tumulto lá em cima aumentava, e comecei a chorar. (...) Ela me bateu tanto com tanta força com aquela vara que desmaiei. Apanhei feito um louco, e só mais tarde é que dei por mim na cama, gritando, decidido a fugir de casa, lutando com meu pai e minha mãe que tentavam fazer com que eu ficasse quieto. (...) O tempo finalmente me libertou da visão daquelas bolsas ameaçadoras, e eu fiquei bom. Mas, durante muito tempo, ficava mortificado toda vez que me lembrava de que minha mãe quase tinha me matado. (WRIGHT, 1993, p.15, 16, 18)

O “eu” que narra esse episódio não é mais o mesmo que vivenciou o ocorrido. Vários anos se passaram após a narração do incêndio. O escritor, portanto, se utiliza da memória para remodelar um evento do passado. As reminiscências do passado são reestruturadas pelo momento presente. O distanciamento daquele que narra permite um olhar reflexivo frente aos acontecimentos vivenciados, permitindo assim a criação de uma nova circunstância. Aquilo que é relatado pode ser verídico, contudo, como a memória é algo escorregadia, os elementos selecionados ganham uma nova dimensão com o passar dos anos. Entretanto, é válido ressaltar que desde sua infância o medo e a

violência já faziam parte de seu contexto. O pequeno retrato apresentado no espaço privado do lar torna-se recorrente em toda sua narrativa.

O escritor rememora suas experiências de menino e jovem perpassando a esfera privada de seu lar ou de seus diversos lares descrevendo suas humilhações, castigos físicos, ameaças psicológicas sofridas em sua infância em sua relação com os membros de sua família (pais, tios, avós, irmão). Suas recordações da infância e juventude, carregadas de teor emocional, revelam as grandes inquietações do escritor. Ao desenvolver a narração do “eu”, ele também elabora inúmeras narrativas de seus familiares. Fatos de seu cotidiano, suas principais angústias e dificuldades com a luta diária para sua sobrevivência na América branca tornam-se constantes em sua narrativa. Ao sobreviver aos choques da infância, ele afirma adquirir o hábito da reflexão. Em sua escritura, ele denuncia às injustiças sociais, a questão do racismo e a consequente desvalorização do sujeito negro, as marcas físicas e/ou psicológicas provenientes do tratamento abusivo do homem branco, a luta por um espaço físico –real ou imaginário– que lhes restitua a dignidade humana, a miséria paralisante, e a busca contínua por um verdadeiro lar são questões recorrentes. Seu lócus de enunciação permite distintas percepções acerca das “escolhas” feitas, o envolvimento com a alteridade, os sistemas de inclusão e/ou exclusão social, quando ele afirma: “Queria entender estes dois grupos de pessoas que viviam lado a lado e aparentemente nunca se tocavam, exceto em situações de violência.” (WRIGHT, 1993, p. 63) Para Wright: “(...) os brancos haviam traçado uma linha que não ousavam [ousávamos] ultrapassar, porque nosso pão estava em jogo.” (WRIGHT, 1993, p. 270) As linhas divisórias demarcavam o local de inferioridade que o negro deveria ocupar e nenhuma possibilidade de crescimento e ascensão social lhe era proporcionada. Nesse sentido, a identidade do negro era vista de modo essencialista, já que se pressupunha a existência de uma essência inalterável. Desta forma, os negros seriam sempre iguais a si mesmos ao longo do tempo e a identidade permaneceria sempre a mesma. Em um outro momento da narrativa, Richard recebe a seguinte recomendação: “(...) *pense* antes de agir, *pense* antes de falar. Seu jeito de fazer as coisas é certo entre *nossa* gente, mas não no meio de brancos. Eles não suportam.” (WRIGHT, 1993, p. 221)

Diante desse contexto, a transposição da linha limítrofe imposta pela sociedade seria o caminho pelo qual o negro teria acesso a uma nova identidade. Nas palavras da teórica Elaine K. Ginsberg (1996, p. 4) em *Passing and the fictions of identity*, a questão

do cruzamento de fronteiras é “um desafio que pode ser visto ou como ameaçador, ou como libertador, mas que, em qualquer instância, revela a verdade de que as identidades não são singularmente verdadeiras ou falsas, mas múltiplas e contingentes.” Desse modo, os fatos narrados na autobiografia sob análise não determinam uma imagem acabada, fixada para sempre, de uma vida individual, pois o ser humano está sempre em construção. Nas palavras de Stuart Hall (2006, p.13) “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.” Nesse contexto, o escritor Wright promove um diálogo consigo mesmo, não pronunciando a palavra final que completaria sua existência. Em um momento de transição, ele revela seu conflito ao habitar o mundo real de opressão. A postura de acomodação adotada pelos membros de sua raça como meio de possível integração não é aceita por Wright. Ele tem consciência de que somente por meio da resignação às identidades calcadas em estereótipos reificadores conseguiria algum benefício material. E afirma:

Mas eu tinha que trabalhar porque precisava comer. Meu emprego seguinte foi o de auxiliar de uma drogaria, e na noite anterior ao dia em que me apresentei para trabalhar, lutei comigo mesmo dizendo-me que era crucial que dominasse essa coisa, pois minha vida dependia disso. Outros negros trabalhavam, se adaptavam de alguma forma, e eu tinha, tinha, tinha mesmo de me ajustar até pôr as mãos em dinheiro bastante para ir-me embora. Eu me ajustaria. Outros o fizeram. Eu o faria. Tinha que fazer. (WRIGHT, 1993, p.33)

Esse trecho revela a dificuldade de ajustamento aos padrões comumente atribuídos ao negro. Entretanto, ele sabe que essa é a única maneira para no futuro deixar o sul dos Estados Unidos. A partir da observação da vida a seu redor e de si mesmo, o autor realiza um recorte subjetivo da realidade em questão. A realidade vivida e observada é convertida em realidade narrada. O discurso é convertido em ficção. Os fatos reais são problematizados por meio do ato de se contar uma história.

Ainda aos quinze anos de idade, ele tornava-se mais preocupado e tenso diante das falas de seus colegas e professores que sempre diziam: ‘Por que você faz tantas perguntas?’ ou ‘Fique calado.’” (WRIGHT, 1993, p. 204) O mundo exterior gradativamente adquiria mais sentido para Richard. A cada instante, ele tinha certeza de que seus pensamentos e desejos mais íntimos deveriam ser silenciados. A ausência de fala, nesse contexto, significaria a aceitação e concordância com os preceitos propalados pelo mundo branco. Para a crítica afro-americana bell hooks (1989, p. 128), o silêncio

é a condição daquele que é dominado e transformado em um objeto, a fala, por outro lado, é a marca da liberdade, do tornar-se um sujeito. Essa autora ainda sustenta que o diálogo implica em um discurso humanizador que desafia e resiste à dominação, tornando-se assim um instrumento para a libertação do oprimido. Richard, portanto, vivia em um constante conflito e perguntava a si mesmo: “Por que não aprendia a me manter calado na hora certa? (...) Minhas palavras eram bastante inocentes, mas indicavam, aparentemente, uma consciência de minha posição que enfurecia os brancos.” (WRIGHT, 1993, p. 233) Para a intelectual pós-colonial Gayatri Spivak (1993, p. 103-104), o sujeito subalterno não fala e tal impossibilidade da fala do sujeito subalterno está apoiada em noções construídas pelo poder vigente que determina o diferente como a-histórico. Nesse contexto, o menino negro, membro de uma sociedade racista deve ter sua voz silenciada devido a ausência de um local de onde ele possa falar, já que não há espaço para a voz da subalternidade.

No entanto, Richard insiste na opção pelo não silenciamento. Aos dezessete anos, foi escolhido como orador de sua turma na escola. Ele já havia escrito seu texto quando o diretor da escola lhe entrega um discurso pronto para a noite de colação de grau. O professor lhe diz: “Escute, rapaz, você vai falar nessa noite tanto para brancos como para negros. O que você, sozinho, pode pensar em dizer pra eles? Você não tem experiência. (...) Você não pode se permitir dizer qualquer coisa na frente dos brancos na noite da colação de grau.” (WRIGHT, 1993, p. 210) Em um outro momento, o diretor lhe diz: “Acorde, rapaz. Compreenda o mundo em que está vivendo. (...) Agora se você andar na linha –sorriu e piscou os olhos– eu vou lhe ajudar a ir para a escola, para a faculdade.” Richard, então, opta por não andar na linha ao rejeitar o discurso pronto e afirmar a todos que não irá ler o discurso feito pelo diretor. Mesmo diante das ameaças da autoridade escolar para impedir sua graduação, Richard se mantém firme e diz que gosta de fazer as coisas corretamente. Para ele, seguir as imposições do homem branco seria anular suas próprias convicções. Ele não entendia por que não podia falar. Em casa, seu tio também tenta convencê-lo, ao afirmar que o discurso do professor é melhor do que o dele. A submissão era a atitude esperada por todos, até mesmo pelos próprios colegas negros que o chamavam de tolo, pois ele estava jogando fora uma grande oportunidade. Ele, ao contrário do que era esperado, se mantém firme e no dia da formatura lê o seu discurso. As ideias de Richard deveriam ser silenciadas. Não

havia nada a ser dito por um negro. Ele deveria, portanto, expressar naquela noite aquilo que a plateia branca consideraria aceitável. A fala do negro deveria refletir o discurso essencializado do branco. Como menino e negro, ele não teria nada a dizer e, por isso, precisaria da ajuda benevolente do homem branco. No entanto, ele não estava preocupado em receber aprovação da plateia, mas em expressar seus anseios. O relato autobiográfico, nesse contexto, promove o caminho para que Richard se enxergue em suas múltiplas identidades transitórias e contingentes. A cultura que havia formado e moldado Wright só permitiu o conhecimento de “parte de um homem ou um fragmento de sua realidade”. A escrita autobiográfica, conforme Georges Gusdorf (1980, p.38), é uma segunda leitura da experiência e ninguém melhor do que o eu para saber o que se passou, o que pensou, desejou ou sentiu. Para esse autor, o eu tem o privilégio de descobrir a si mesmo evitando desentendimentos. O exame do momento presente apresenta apenas um recorte fragmentado do eu que procura se definir e se situar e saber quem ele realmente é na perspectiva do que ele já foi.

Referências bibliográficas

CALLAHAN, John F. *In the African-American Grain: Call and Response in Twentieth Century Black Fiction*. Urbana; Chicago: The University of Illinois Press, 2001.

ELLISON, Ralph. *Shadow and Act*. New York: New American Library, 1966.

GINSBERG, Elaine K. Introduction: The politics of passing. In: GINSBERG, Elaine K. (Org.). *Passing and the fictions of identity*. Durham and London: Duke University Press, 1996, p. 1-18.

GUSDORF, Georges. Conditions and Limits of Autobiography. In: OLNEY, James (Org.). *Autobiography. Essays Theoretical and Critical*. New Jersey: Princeton University Press, 1980, p. 28-48.

_____. *As identidades culturais na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. 11ª edição.

hooks, bell. *Talking Back. Thinking Feminist. Thinking Black*. Boston: South End Press, 1989.

HUTCHEON, Linda. Decentering the Postmodern: the ex-centric. In: *A Poetics of Post Modernism- History, Theory, Fiction*. New York & London. Routledge. 1998.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil

MONTES, Maria Lúcia. Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, Lilia M.; QUEIROZ, Renato da S. (Orgs.). *Raça e Diversidade*. EDUSP. Estação Ciência, 1996, pp. 47-75.

SAYRE, Robert F. Autobiography and the Making of America. In: OLNEY, James. (Org.) *Autobiography - Essays Theoretical and Critical*. New Jersey: Princeton University Press, 1980, pp. 146- 168.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: WILLIAMS, Patrick & L. Chrisman (Orgs.) *Colonial Discourse and Postcolonial Theory. A Reader*. New York: Harvester, 1993.

WRIGHT, Richard. *Black Boy. Infância e Juventude de um negro Americano* Aurora .Trad .
.[1945]1993 ,Editora Espaço e Tempo :Rio de Janeiro .Maria Soares Neiva